

**The Project Gutenberg eBook of Portugal enfermo por vícios, e abusos de ambos os sexos, by José Daniel Rodrigues da Costa**

This ebook is for the use of anyone anywhere in the United States and most other parts of the world at no cost and with almost no restrictions whatsoever. You may copy it, give it away or re-use it under the terms of the Project Gutenberg License included with this ebook or online at [www.gutenberg.org](http://www.gutenberg.org). If you are not located in the United States, you'll have to check the laws of the country where you are located before using this eBook.

**Title:** Portugal enfermo por vícios, e abusos de ambos os sexos

**Author:** José Daniel Rodrigues da Costa

**Release Date:** March 23, 2010 [EBook #31743]

**Language:** Portuguese

**Credits:** Produced by Pedro Saborano (produced from scanned images of public domain material from Google Book Search)

\*\*\* START OF THE PROJECT GUTENBERG EBOOK PORTUGAL ENFERMO POR VICIOS, E ABUSOS DE AMBOS OS SEXOS \*\*\*

# PORTUGAL ENFERMO

POR VICIOS, E ABUSOS  
DE AMBOS OS SEXOS.

DEDICADO AO SENHOR

JOSÉ LUIZ GUERNER,

CONSUL DE S. M. SICILIANNA,

POR

JOSÉ DANIEL RODRIGUES DA COSTA,

ENTRE OS PASTORES DO TEJO

JOSINO LEIRIENSE

LISBOA:

NA IMPRESSÃO REGIA.

ANNO 1819

---

*Com Licença.*

# SENHOR JOSE LUIZ GUERNER:

*Quando comecei a compor esta Obra, intitulada=Portugal Enfermo por vicios, e abusos=logo me veio á lembrança o dedicar-lha. E aproveitando estas primeiras idéas, foi tal o prazer, que concebi, por huma tão acertada escolha, que parecia que com mais facilidade, e affluencia me occorrião pensamentos para a ultimar.*

*Eu faria huma injuria á Gratidão, se me lembrasse de outra pessoa para esta Dedicatoria; quando por experiencia tenho conhecido quanto a sua curiosidade, applicação, e talentos ambicionão as minhas Produccões.*

*Aquí me offerecia agora a minha imaginação hum vasto assumpto, para tecer-lhe o Elogio, que merece hum homem amador das Bellas Letras, e ornado d'aquellas virtudes moraes, que tanto caracterizão o verdadeiro homem de bem. Mas fazer das suas apreciaveis qualidades huma extensa narração, seria dar por nova huma pintura ao mesmo Pintor, que a desenhou.* {IV}

*O Céu dilate a sua estimavel vida para consolação dos seus amigos; sendo hum dos que mais o preza, e respeita*

*José Daniel Rodrigues da Costa* {V}

## PROLOGO.

Nem a vaidade de ser Author, nem a presumpção de exceder os Escriutores do meu tempo, nem o desvanecimento dos repetidos elogios, que muitas Pessoas me fazem, serião incentivos bastantes para eu escrever com tanta assiduidade, como escrevo. Não me ufanão semelhantes apavonações; porque o deixar-me possuir destes fôfos sentimentos seria em mim huma bem notada mania.

Devem capacitar-se os meus amabilissimos Leitores que o meu genio, hum pouco propenso ás Bellas Letras, e mais que tudo, o muito, que prezo quanto he honesto, e civil, he que me desafia a desembainhar a espada da Critica contra os vicios em todas as minhas Obras, acutilando estes, e poupando com tudo os seus adoradores.

He por tanto que exponho ao Público esta Obra dos achaques chrónicos, com que o tempo tem contaminado os antigos, memoraveis, e bem acceitos costumes do nosso Portugal; que quanto mais se reprehendem os d'agora, tanto maiores elogios se fazem aos passados.

Tem os vicios, e os abusos chegado ao maior auge na presente época em ambos os sexos. Não se lhes acha mediania; e neste labyrintho de cousas não fica ao homem, que bem pensa, mais que os dois refrigerios: ou de chorar, ou de rir dos destemperos deste Seculo nos excessos, que se observão no luxo, nas educações, e no viver de agora.

Com effeito eu vejo os tempos bem desgraçados para composições de qualquer natureza. Nos principios do Seculo dezoito houve muito quem escrevesse, porque havia muito quem lêsse; depois ainda houve muito quem lêsse, e menos quem escrevesse; mas presentemente nem ha quem escreva, nem quem lêa; porque as minimas cousas, que apparecem, nem essas mesmas se gastão.

Vamos porém sempre compondo alguma cousa para huma parte da mocidade bem morigerada, que ainda se encontra tanto nesta Cidade, como por essas Provincias; Rapazes applicados, de perfeita educação, e que faz gosto ouvillos na sociedade: com estes me entenderei; em quanto os outros entregues ás desenfreadas paixões, que os illudem, se fazem verdugos de si mesmos. Sobre estes he que recahe a critica desta pequena composição, que desenvolve os achaques de Portugal, causados pela epidemia dos vicios, e abusos de huma grande parte de gente.

Leitor, perdôa aos defeitos da Obra; mas não perdôes aos teus, para não seres contado no catalogo dos viciosos: compra, e lê, que he o melhor modo de saberes quanto isto

Vale. {VIII}

{1}

# PORTUGAL ENFERMO PELOS VICIOS, E ABUSOS.

---

*Os escritos que saê da mão fóra  
Tantas Sentenças tem, tantos Ledores,  
Assim Miranda o canta, assim o chora.  
Sempre a verdade achou murmuradores;  
A mentira que damna, e lisongea  
Sempre (em pouco saber) grandes favores.  
Bernard. Cart. XV.*

---

Portugal, Portugal! Eu te lastimo!  
E bem que velho sou inda me animo  
A mostrar-te os defeitos, e os excessos  
Dos costumes, que tens já tão avessos  
Dos costumes, que tinhas algum dia,  
Quando mais reflexão na gente havia.  
Tu de estranhas Nações foste invejado;  
Hoje faz compaixão teu pobre estado:  
Cada vez te vão mais enfraquecendo,  
Todo o brilho, que tinhas, vais perdendo:  
Paraiso do Mundo te chamavão;  
As mais Nações com tigo se animavão;  
Ellas porém ficárão sans, e fortes;  
E tu a todo o instante exposto aos córtes  
Da usura, da ambição, da falsidade,  
Do egoismo, da fuga, da impiedade:  
Males, que aos que bem pensão causão tédio,  
A que apenas descubro hum só remedio,  
Que outro melhor não ha, a que se apelle,  
E muita gente chora a falta d'Elle<sup>[1]</sup>....

{2}

Portugal, Portugal! Eu te lastimo!  
E o pezar, que me causas, mal reprimo!  
Estás presentemente na figura  
Do enfermo, que não póde com a cura,  
Por ter molestias taes tão complicadas,  
Que parte das receitas são baldadas.

Vai aos banhos do mar a Dama bella,  
Porque delles precisa, ou por cautela;  
O Velho busca estuporado as Caldas,  
E alli da mocidade purga as baldas,  
Consegue movimento em braço, e perna,  
E a perda da cabeça já governa;  
Frouxo Taful, que tem debilidade,  
Por excessos de toda a qualidade  
Recorre ás infusões d'aquacia, e quina;  
Mas tambem pouco e pouco se defina,  
Se não acautelou mais a saude,  
E não tem depois disto quem o ajude;  
Todos a tempo buscão curativo,  
Para vêr se em seu mal tem lenitivo:  
E só tu, Portugal, chegaste a estado  
De seres paralitico entrevado!  
Todos de fóra vem sangue tirar-te;  
Porisso nada póde aproveitar-te.  
Os Estrangeiros, que a Lisboa chegão,  
Te vem bichas deitar, e todas pegão,  
Sempre em proveito seu com abundancia,  
Té ficares de todo sem sustancia.  
Medicina não sei, mas tenho lido  
Dois Livros, que me tem muito instruido,  
Hum da propria exp'riencia, outro do mundo,  
E só nesta lição he que me fundo,  
Para bem conhecer por estes meios  
Tanto os achaques meus, como os alheios.  
Ora antes que de todo a vida exhales,  
Ouve parte da origem de teus males.

{3}

Eu vejo de alguns homens apartados

Os deveres mais puros, e sagrados;  
Atropellada a honra, a probidade,  
A razão, a decencia, a sãa verdade:  
Isto por homens, que apparencias tem  
De honrados, de Christãos, de homens de bem

{4}

Eu vejo o feroz crime a garra alçando,  
Os trêfegos viventes subjugando,  
Só a fim de os trazer ao seu partido,  
Deixando o bom character corrompido.

Eu vejo huns indivíduos mui sagazes,  
De transtornar os outros bem capazes;  
Porque com o systema de egoistas  
Ao que os outros possuem botão vistas.  
Lanção-lhes rede, rede que não falha,  
Peixe grosso, e miudo cahe na malha,  
Dizendo-nos depois, como em resposta:  
Eu por aqui me sirvo, ou dei á costa.  
Que em limpo Portuguez, nada confuso,  
He fugir, ou quebrar, como hoje he uso.  
Eu sei que hum Guarda-Livros foi chamado,  
Para as Contas fazer de hum Ex-quebrado;  
E como aquella quebra era segunda,  
Não podia acertar-lhe bem a funda.  
Té que lhe perguntou com desengano:  
Com quanto quer quebrar, Senhor Fulano?  
Esta pergunta prova que ha bicheiro,  
Que inda que quebre, fica sempre inteiro.

Eu vejo hoje os amigos desfrutantes,  
Palradores de officio, e bem fallantes,  
Muito promptos em toda a patuscada;  
Porém, em se occupando, tudo he nada,  
De função em função, em bons jantares,  
Por não ficarem vagos os lugares;  
Mas que, se alguém lhes pede algum soccorro,  
Virárão logo a peça para fôrro,  
Fugindo de valer por amizade  
Aos que fôrão da sua sociedade:  
Vileza sem igual, que achar não pensa  
O que tem hum vexame, ou tem doença,  
Que em banquetes largou bastante a pelle,  
Para nutrir os que hoje fogem delle.

{5}

Vejo homens, que de seu muito tiverão,  
Que de tudo o que tinhão, conta derão  
No teimoso valete, sota, e az,  
Nos trez dados, que o copo saltar faz,  
No grande tratamento afidalgado,  
Na sege, no jardim, luzido estado,  
Banquetes, sociedades, mancebías,  
E outras taes, e quejandas bizarrias:  
Tudo feito sem calculo seguro,  
Sem minima lembrança do futuro,  
Para agora se vêrem sem ter nada  
N'huma vida bem triste, e desgraçada.

Eu vejo outros mesquinhos, e forretas,  
Que não passão de velhas meias pretas,  
Sua casaca eterna, já virada  
No anno, em que a não Cabrea foi queimada;  
Ferrolhando o dinheiro no bahú,  
Para que não lho leve belzebu;  
Contado, e recontado na alta noite,  
Porque a pedir algum ninguem se affoite.  
Tudo á porta fechada sós vivendo,  
Vestindo muito mal, peor comendo;  
E que vive assim bem hum destes pensa,  
Ou seja na saude, ou na doença;  
Té que toda a reserva finaliza  
Nas garras de hum irmão lá de Galliza.  
Eis aqui hum dinheiro que não gira,  
E por isso a outra gente não respira,  
Isto he que faz que toda a casa gema;

{6}

Pois outros ricos ha de igual systema.

Vejo huns homens, que são muito abastados,  
E de semblantes sempre carregados;  
Caras *de sum es fui*, mas *por causar*,  
Hum bom modo a ninguem sabem mostrar:  
Eu bem sei que quem tem muito dinheiro,  
Grosseiro fica sempre, se he grosseiro;  
Porque pejada burra de riqueza  
Não emenda o que vem de natureza.  
Eu chamo a huns homens taes *verbos de encher*,  
Vivem só de ajuntar, e de comer,  
De cabeça mais leve do que a escuma,  
Gosto não sabem ter por cousa alguma;  
Para valer aos mais nunca tem geito,  
Para si são *Dativo de proveito*  
Taes pinturas; a mal nunca se tomem  
O que lêr, e apontar he que he máo homem.

{7}

Portugal, Portugal! eu te lastimo!  
E teus flagellos na memoria imprimo!  
Eu vejo homens solteiros, sem emprego,  
Porém tendo de môças bom conchego;  
Parece que por magica he que passão;  
Pois sem que diligencia alguma fação  
Por grangear a vida, a tudo acodem;  
Não sei como nutrir os vicios podem!  
Eu trabalho, e não vivo satisfeito;  
E elles andão de corpo mui direito,  
Mil aproxes fazendo á bolsa alheia,  
Sem acharem tal vida indigna e feia.  
Hum lhes diz: *Eu não posso; outro: não tenho:*  
E a concluir d'aqui sómente venho  
Que tem esta comedia por final  
Cadêa, Portaria, ou Hospital.

Eu vejo outros sem rendas, nem officio,  
Do Matrimonio entrar no sacrificio:  
Marido pobretão, mulher sem nada;  
Em crescendo dos filhos a manada,  
O mesmo he que ter sella sem cavallo,  
Casa sem tecto, e sino sem badalo.  
Acabou-se huma cousa, faltão mil,  
De dinheiro não ha nem hum ceutil:  
Olha hum para o outro, as razões crescem;  
Os filhos nús, de fome desfalecem;  
Té que o Marido toma o desafôgo  
De se ir metter na casa que dá jogo.  
Alli se perde a noite quasi toda,  
A vêr se de huma vez desanda a roda,  
Com as iscas de emprestimos de Amigos,  
Que só em casos taes servem de abrigos;  
E a familia em cuidados, em tormento,  
Que inda he peor que a falta de sustento.

{8}

Eu vejo, nestes tempos desditosos,  
Povos empobrecidos, e chorosos;  
Pois quando vêm hum mal, outros se seguem,  
Que os Mortaes atenuão, e perseguem.  
Mas a pezar da falta de dinheiro,  
Apparece nos bairros o gaiteiro,  
As bandeiras nas cordas penduradas,  
Por onde as festas são annunciadas,  
Tudo feito com lustre, e com grandeza,  
Foi Juiza a Senhora Dona Andreza.  
Os festeiros não tem nada de seu;  
Mas a festa da rua tudo deu.  
Anda o velho engraçado co' os Leilões  
Dos cargos, que custarão bons tostões.  
Temos fogo de vistas, vistas raras,  
N'hum beco, que de largo tem tres varas;  
Que huma roda, que salta em Fogo ardendo,  
Vem desordens fazer nos que estão vendo;  
E póde muito bem a propriedade  
Com fogo reduzir-se em ametade.

{9}

Estes p'rigos não são muito pequenos,  
E já tem succedido mais, ou menos.  
Nunca vi de dinheiro tanta fome,  
Nem tantas festas de despeza, e nome.  
Eu louvo, e não crimino a devoção;  
Haja festa de Igreja, e bom Sermão;  
Tenha a festividade do arrayal  
Cousas, que fação bem, e nunca mal.  
O dinheiro de máscaras, e fogo  
Vá gastar-se com outro desafogo  
Mais util, mais vistoso, mais louvavel  
Em acudir a tanto miseravel.  
Dem rações á pobreza dessa rua,  
E a festa christãmente se conclua.  
No lugar, em que o fogo armar se havia,  
Haja comprida meza neste dia;  
Hum, ou dois caldeirões de mantimento,  
Que sirvão aos mendigos de sustento,  
Ministrados por esses bons festeiros,  
Que se fação da meza dispenseiros,  
Sem tumulto, em socego, e com cuidado  
No cégo, na criança, no aleijado.  
Isto he que dá exemplo, he que edifica;  
Deste modo a função completa fica;  
E não com fogo, máscaras, e bulhas,  
Tornando-se as esmolas em fagulhas.  
Na terra, e Céu nada ha mais relevante,  
Que acudirmos ao nosso semelhante.  
Se não querem na rua estar com isto,  
Fação o que eu a muitos tenho visto:  
Vão ás Cadêas, que isto dá bom nome,  
Repartão de comer por quem tem fome:  
Arme-se em gravidade a Confraria,  
Vá consummar esta obra santa, e pia;  
Que disto inda se tira hum bom partido;  
O mais tudo he trabalho desluzido,  
Motivos de desordens, e de insultos,  
Indecentes tornando aquelles cultos;  
Porque destas funcções he raro o brinco,  
Em que não saião prezos quatro, ou cinco.

{10}

He bem digno tambem de se notar  
Andarem hoje os pobres a cantar,  
De guitarra, ou viola má, ou boa  
Por todas essas ruas de Lisboa.  
Parece que festejão a pobreza,  
Ou que ella, lhes não dá muita tristeza!  
Eu bem sei o ditado, de quem canta,  
Seus males mais, ou menos sempre espanta;  
Mas co' a Musica, a fome não se cura;  
E he só (bemdito Deos) de que ha fartura!

{11}

Portugal, Portugal, eu te lastimo!  
E de sentir comtigo não me eximo!  
Eu vejo velhos Pais cheios de vicios,  
Pondo os filhos nos mesmos precipicios.  
Co' os exemplos, que dão em casa, e fóra,  
Sem pejo, sem cautela, e sem melhora.  
Quando hum Pai deve ser (ou moço, ou velho),  
Da familia de casa hum vivo espelho;  
Mas se elle he o primeiro em se infamar,  
Como póde a seus filhos doutrinar!  
Filho houve já, que entrando no Oratorio  
Aos Padres fez primeiro hum peditorio:  
Que chamassem seu Pai, porque queria;  
Beijar-lhe a mão por fim, pois que morria,  
E que só acabava descançado  
Se fosse por seu Pai abençoado.  
Chegou o Pai gemendo, sem conforto,  
Em lagrimas banhado, e quasi morto.  
Então o filho, dando-lhe hum abraço,  
Desconjuntou-lhe os ossos do espinhaço,  
Dizendo-lhe: Receba o pago seu  
Da criação perversa, que me deo;  
Quando nos armazens se embebedava;

Se tres cópos bebia, tres me dava;  
Humas vezes em paz, outras em guerra.  
Fazendo bordos hiamos a terra.  
Às casas, em que jogo sempre havia;  
Levava-me na sua companhia;  
Eu pois n'hum vicio tal sempre embebido,  
Me vi por muitas vezes bem perdido;  
Jogava o que era meu, e mais o alheio,  
Até que já sem brio, e sem receio,  
Achando que de meu não tinha nada,  
Voltei-me para ser ladrão de estrada.  
Ficar deve em memoria esta lição,  
Que o bem, e o mal provém da educação.  
Banida deve ser da Sociedade  
Perdida, e viciosa mocidade:  
Bem como nas searas acontece,  
Que toda a herva inutil, que alli cresce,  
Pela raiz se corta, aos pés se deita,  
Por não damnar o grão, que se aproveita.

{12}

Eu vejo a mocidade brava, e louca,  
Vaporando fumaças pela boca,  
Mostrando da doudice o sobrescrito  
No queimado xaruto por palito.  
Eu vi, não me contárão, isto he certo,  
Ir á Loja da Neve muito esperto  
Hum tafulão Gigante pela altura,  
Mas bem proporcionado na figura,  
Fumando com excesso de tal sorte,  
Que lançava da boca hum fumo forte:  
Pedio carapinhada, e foi fumando,  
Alimpando o suor de quando em quando,  
O fogo com a neve a hum tempo unindo,  
Pelo mesmo canal tudo embutindo:  
Sahia huma fumaça lá do centro,  
Hia hum gole de neve para dentro.  
Mas não posso acertar bem na razão  
Do fogo, e neve ter combinação!  
No que se alcança bem, sem muito estudo,  
Que hum taful tem guelas para tudo.

{13}

Eu vejo rapazinhos enfeitados  
Mui bem nascidos, muito mal creados,  
Que ficão sem estudos, e sem bens,  
Tafúes de quarteirão a dois vintens,  
Com hum procedimento escandaloso,  
Envolto no calote attencioso,  
Que com boas palavras disfarçado,  
Depois de conseguido, he declarado.  
Não fallemos nas bellas qualidades  
De tomarem bastantes amizades;  
E nas casas de bem entrada tendo,  
Pouco e pouco se vão desenvolvendo,  
As innocentes filhas illudindo,  
Requestando, escrevendo, persuadindo;  
E ellas acreditando os rendimentos,  
Nas vozes, que se dão de casamentos,  
Com fantasticos teres, e promessas,  
Té irem de candêas ás avessas;  
Porque o pai presentio, a mãe espreita;  
Leva o Senhor fulano huma desfeita.  
E em este penetrando o contratempo,  
Cuida logo em mudar-se antes de tempo;  
E vai com esta mesma synfonia  
Dar Trevas para outra freguezia.  
Da má educação lhe provém tudo;  
Pais, que deixão seus filhos sem estudo,  
Ou não escolhem Mestres com recato,  
Porque só querem ir ao mais barato!

{14}

Eu vejo huns fôfos Mestres de Collegios,  
Inculcando sciencia, e privilegios,  
Porém jogando a Ronda co' os Meninos  
Nas horas vagas dos seus bons ensinos;  
Que por estas razões bem se conhece

Que entre tanto Collegio, que apparece,  
Não obstante haver Mestres a cardumes,  
Vão de mal em peor nossos costumes.  
Os rapazes mimosos de algum dia  
Apreciavão Musica, e Poesia,  
Séria Dança, discreta Sociedade,  
Mostrando sempre certa gravidade.  
Não digo que não ha inda hoje disto;  
Mas destas prendas poucos tenho visto.  
Hoje ha muitos tafues com outras prendas,  
Morgados de Pantana, mas sem rendas.  
Só presumpção de sabios tem comsigo,  
E obrigarlos a lêr he hum castigo,  
Até parece já, por desvario,  
Que a muita discrição lhes faz fastio:  
Prezão mais hum cavallo, que ande bem,  
Que o melhor Livro, que hum Livreiro tem;  
E o que escapa de ter esta paixão,  
Vai a ser hum acérrimo Glotão  
Quer biffes a *lamoda* de *planchetas*,  
Cabeça de vitella, e costeletas,  
A geléa da boa mão de vacca  
Que isto he que fortalece a gente fraca:  
Desmancha-se depois com misturadas,  
Em merendas, e outras patuscadas;  
Com ranchos de solteiras, e viuvas,  
Manda vir aves, hervas, ovos, uvas,  
Melancias, melões, maçãs, morangos,  
Nisto largão a penna os novos frangos;  
Donde a cólica vem, e a indigestão,  
Que, de fraqueza, os põe á Santa Unção:  
Julgão que tem estomago de ferro;  
Mas tarde a conhecer vem o seu erro:  
Depois de relaxados, sem vigor,  
E alguns co' seu raminho de estupor,  
Então com mais cautela se procura  
Onde a pinga haverá, que seja pura;  
Vinho de Lavradio, ou Carcavellos,  
Bucellas, ou Chamusca, vinhos bellos;  
Porque esta Livraria fortifica,  
A quem de ameijoadas<sup>[2]</sup> entisica.  
Entenda-me o Leitor, como quizer,  
No resto que a saude faz perder:  
E para o bom patusca<sup>[3]</sup> ter dinheiro,  
Vê se póde encontrar farto banqueiro.  
Assenta que he melhor, e lhe convém  
Partidas de lucrar algum vintem;  
Nascendo excessos taes, e tal doudice,  
Da escacez do dinheiro, que já disse,  
Huma escacez que faz damnos immensos,  
Que os calotes, e crimes traz appensos.  
Na gente má, ou boa, môça, e idosa,  
A penuria geral se faz penosa:  
Cada qual anda vendo o melhor meio  
De achar á sua casa algum esteio;  
E quando se vê muito desgraçado,  
Lança-se aos vicios já desesperado;  
Porque os tempos de muita Loteria,  
Sortes, rifas, e jôgo em demasia,  
São tempos de miseria, em cuja lida  
Se perde pouco e pouco o amor á vida.

{15}

{16}

Eu vejo mil Bilhares por Lisboa,  
Outros tantos Cafés com gente boa,  
Rapazes gigantescos, e corados,  
Sem ter algum defeito de aleijados;  
Tem estes mocetões o mesmo gasto  
Pelas casas das Sortes, Neve, e Pasto;  
E as simples Legiões na sua alçada  
Apenas achão gente estropeada.

{17}

Eu vejo alguns modernos falladores,  
Que em todas as sciencias são Doutores;  
Fallão de Leis, sem nellas se formarem,

E de guerra, sem nunca millitarem,  
Mathematicos são por nigromancia,  
Porque nelles não ha senão jactancia;  
Com Filosofos querem ter parelha,  
Mas com Filosofia só de orelha;  
E com taes espertezas sem mais fundo,  
Resolvem pela sonça meio mundo.  
Se vão em Gabinetes discorrer,  
Sabem tudo o que ha feito, e por fazer:  
Nos governos dos Reinos dão pennada,  
Mas andão sempre em vida desgraçada;  
Não sabem governar a casa sua,  
E vão governar Reinos pela rua,  
Dando planos, fingindo descubertas,  
Pondo discursos vãos em regras certas,  
Mettendo de Latim palavras finas,  
Que mais parecem Mouras, que Latinas;  
Que a tanto os pantalões se deliberão,  
Quando nem *Musa musae* conhecêrão.  
Mas se alguém, com razão, lhes vai ao fato,  
Em nada se tornou tanto aparato.

{18}

Outros, vejo, que querem ser fidalgos,  
Por irem atrás delles, como galgos;  
E com justas, e herdadas Excellencias,  
Querem estes tambem ter preferencias,  
Enthusiasmados tanto na manía,  
Que não passam sem huma Senhoria;  
Por virem de Friellas, e Frieiras,  
Seus Avos de Melgaços, e Melgeiras,  
Que ainda destes fumos ha sinaes  
Em huma sege velha sem varaes,  
Que no canto da loja se conserva,  
Com hum brazão pintado, de reserva.  
Porém sempre he preciso ser mui tonto  
Quem não vê que hoje ha nisto algum desconto;  
Que altivos pensamentos, qualidades,  
Alicerces de antigas fatuidades,  
Hoje consistem só em ser herdeiro,  
Ou a torto, e direito ter dinheiro.

Eu vejo papelões, que não passarão  
Das linhas para lá, nem encararão  
Sequer com o inimigo n'hum só ponto,  
Mas em tudo o que fallão vem hum conto  
Do muito, que soffrêrão pela guerra,  
Nadando em rios, avançando terra  
Com tal fome, que atrás de tres galinhas  
Os Pyrenéos subirão de gatinhas:  
Que depois lá n'hum choque, que tiverão,  
A hum batalhão Francez a morte derão;  
Que o do zabumba só livrou a pelle,  
Porque escapou mettido dentro delle.  
Destas, e outras basofias apparecem:  
Quando sabemos de outros, que merecem  
Hum eterno louvor, eterna fama,  
A quem a Patria dignos filhos chama,  
Portuguezes honrados, valorosos,  
Do inimigo terror, varões briosos,  
Que as cicatrizes mostram pelo peito  
Com que attestão melhor quanto tem feito.

{19}

Portugal, Portugal! eu te lastimo!  
Com pena de te vêr, meus versos rimo!  
Eu agora he que bem tenho alcançado  
Quanto de tudo estás necessitado!  
Pois perdeste a sciencia, engenho, e arte,  
Que te deo sempre fama em toda a parte.  
Hoje vejo o teu mal, que não melhora,  
Se tudo o que precisas vem de fóra.  
Tens nos Collegios Mestres Estrangeiros,  
Tens de muitas Nações cem mezinheiros,  
Que com pós, e com balsamos subidos  
Vão as bocas limpando aos presumidos;  
E ainda não se dando por contentes,

{20}

Té nos querem levar da boca os dentes;  
Equilibrios, Balões, e Peloticas,  
Urso, e Macacos com trezentas nicas,  
Figurinhas gesso, outras de cera,  
Nynfa, que n'harpa em dedilhar se esmera;  
A Menina, que falla pendurada,  
A boa Dançarina escripturada,  
Que hum par de mil cruzados vem buscar;  
E nós he que ficamos a dançar!  
Outra, que tem a voz quasi divina,  
Como já se chamou á Zamparina;  
Outro, que engole espadas brancas, pretas,  
Como nós engulimos estas petas;  
E outras mil subtilezas deste lote;  
Vistas de praça, ou sala, ou camarote,  
Com armadilhas taes vem esta gente  
Na vagante esperar a grossa enchente,  
E carregando vão, como as formigas,  
Quanto podem tirar destas fadigas!  
Só Portuguezes nunca tenho visto,  
Que vão aos outros Reinos fazer disto.  
Estrangeiras Modistas se apresentam,  
Com letreiro á janella do que inventão;  
Que as Modistas de cá, bem que trabalhão,  
Á vista das de fóra já não calhão.  
A si se acolhe o pobre aventureiro;  
Porque lhe basta o nome de Estrangeiro,  
Para abrir loja, e ser afortunado.  
Veio do seu paiz esporeado,  
Chegou aqui, poz loja de vestidos;  
E ficão os tafues mui bem sortidos.  
Tem fato para magro, e para gordo,  
Té desaparecer, pondo-se a bordo:  
Caridade em tal gente sempre luz,  
Pois vem a Portugal vestir os nós.  
Mas dizem muitas lingoas mal dizentes  
Que elles não vestem; vem despir as gentes.  
Nada tem escapado, ou esquecido,  
Para o metal, que tinhas, ser sumido.  
Nós gememos em quanto os outros luzem;  
Té barricas de pinos se introduzem;  
Porque o pino de fóra, por mais duro,  
Deixa o tacão mais forte, e mais seguro.  
Se até vejo substancias combinadas,  
Nos paizes estranhos preparadas,  
Para pôr bom cherume nas panellas,  
E fazer hum bom molho ás cabidellas:  
E disto haverem lojas em Lisboa,  
Que por caixeira tem Madama Grôa!  
Eu inda espero vêr na Barra entrados  
Navios com almoços já temp'rados;  
Que ha de ser huma cousa bem acceita  
Vir já prompto o Café, torrada feita!  
Porém nós he que disto culpa temos,  
Porque de nós apreço não fazemos.  
Até he riso vêr, termos trocado  
O traje, que entre nós foi sempre usado,  
Pelos trajas de todas as Nações,  
Que abandonão çapatos, e calções.  
Nem a meia comprida já governa,  
Anda dentro da bota nua a perna,  
Como eu a boa gente tenho visto;  
Os Mouros pouco mais fazem do que isto.  
Vejo entrar em lugares mui sisudos  
Velhos, e moços, quaes pintos calçudos,  
Pantalonas; polainas de Galegos;  
Só resta usarem calças, como os Gregos.  
Confessemos que he este o nosso fraco;  
Que arremedar he o uso do macaco.

Eu vejo pela classe dos Livreiros  
Lucros tirarem só os Estrangeiros.  
Que direi de Edições, que vem de fóra?  
Façamos aqui pausa por agora.  
Só sei que a mocidade, com deleite,

{21}

{22}

Bebe em taes livros venenoso leite;  
E os Livreiros de cá postos ás moscas;  
Que as obras Portuguezas são mui toscas;  
O sainete não tem, nem a belleza,  
Que mostra qualquer obra, se he Franceza.  
Arte de cortar callos sem tisoura,  
Modo de conservar a barba loura,  
As Cartas de Madama Patulher,  
A Novella da Meza sem Talher:  
Instrucções, e Preceitos de Dentistas,  
Invento de crear galos sem cristas.  
O caso he ser Francez o tal livrinho,  
Que he da meza d'agora o melhor vinho.  
Livreiro Portuguez apenas vende  
Cartas, por onde o A, B, C se aprende,  
Bilhetes, com que Boas Festas damos,  
Outros de Enterro, que he que mais gastamos,  
Letras de Cambio, Pautas, Taboada,  
Roteiros de Pilotos, e mais nada.  
Parece que ninguem já hoje estima  
Composições em Prosa, nem em Rima.  
Acabou todo o gosto da Leitura,  
Tudo vejo mudado de figura.  
Nas obras, que se imprimem, (não se crê)  
Ha tal, que assigna, accoita, e não as lê!  
N'hum destes o trabalho se perdeo,  
Que não póde achar gosto ao que não lêo.

{23}

Portugal, Portugal! tu tens contigo  
Immensa gente, de quem és abrigo,  
Que devendo-te mil obrigações,  
Mostrar-te sabem só ingratidões.  
A primeira, que vejo praticar-se,  
He nada, do que he teu, hoje estimar-se.  
Fabricantes de cá morrem de fome;  
A sedinha estrangeira he que tem nome.  
Não valem nada Artistas Portuguezes;  
Os de fóra são só as boas rezes.  
As obras do Paiz não são perfeitas,  
Não tem fama, ou valor, são mal acceitas;  
Mas a quinquilha de armação,  
Se he de fóra, tem logo estimação,  
E serve para o luxo, e para a moda,  
Que Damas, e Tafúes tudo se engoda  
Com estas bugiarias de tecidos  
De pedraria falsa, ouros fingidos;  
Té vemos entre tantas bagatellas  
Os Mouros com caixotes de chinelas,  
E tão bem feitas como os seus narizes,  
Que bem mostram ser obra de aprendizes.  
Todos tem aqui seu manancial,  
Até ficarmos todos sem real.  
N'outro tempo hum Fidalgo desta Côrte,  
Homem de bom pensar, e de bom porte,  
Puxou por huma caixa rica, e boa,  
Feita por certo Ourives de Lisboa.  
Todos os circumstantes, que se achavão  
Sentados ao jantar, vendo-a, pasmavão  
Por tanta perfeição, lavor, e arte,  
Que se lhe descobria em toda a parte.  
Na mente de ser obra estrangeirada,  
Foi por todos a caixa elogiada.  
Logo o dono da casa mui gostoso,  
Porque ficasse o Ourives mais famoso,  
Conhecer mesmo alli a todos fez  
Mão d'obra ser de Ourives Portuguez.  
Apenas semelhante voz se larga,  
Como quem prova cousa, que lhe amarga,  
Hum notava d'alli certo defeito,  
Outro lhe achava falta de preceito.  
Então o bom Fidalgo decisivo  
Os reprehendeo dizendo: Eis o motivo,  
Porque a nossa Nação tanto padece,  
E entre as outras Nações nunca florece;  
Nós he que assim fazemos desgraçados

{24}

{25}

Homens, que devem ser eternizados;  
E estes devem queixar-se com razão,  
Vendo dos seus o premio, que lhes dão.

Portugal, Portugal! eu te lastimo!  
Porque sou próle tua mais te estimo!  
Pois não entro no rol das almas fracas,  
Que a tudo, e a todos virão as casacas!  
Eu vejo formigueiros de usurarios,  
Que vão muito subtís por modos varios  
Movendo sagazmente a real mola,  
Até tudo ficar pedindo esmola.  
Some-se pouco a pouco o numerario,  
Todos vão lendo o mesmo breviario;  
Para a vida mui poucas cousas bastão,  
As superfluas são as que mais gastão;  
O luxo, os appetites, as vaidades,  
A grande emulação das amizades:  
Só porque usa Fulana, e traja assim,  
Querêllas desbancar he logo o fim:  
Isto em todas as cousas se está vendo,  
Donde nasce o calote, e empenho horrendo;  
Que inda vendo que os lucros não acodem,  
Todos querem fazer mais do que podem:  
Por isso hoje bons trastes são vendidos,  
Que se herdarão de Avós mais comedidos;  
Se estes das sepulturas resurgissem,  
Talvez ficassem doudos do que vissem!  
Destruindo-se assim, sem reflexão,  
Cousas que tinham tanta estimação;  
Que antes do que as penhoras as escalem,  
Vão pela terça parte do que valem;  
E ainda compradoras custa a achar,  
Porque todos estão a jejuar.  
Grande cousa he viver hoje demente,  
Para não dar valor ao que se sente!  
Inquietações, costumes, tempo, e mundo,  
Tudo atira c'os os homens para o fundo  
Porque por mais que nadem na desgraça,  
Velhice, Doença, e Morte, os ameaça:  
No que passamos, temos o presagio  
De ninguem escapar deste naufragio:  
Porém no mar dos damnos a tormenta,  
Nem o Ceo, nem a terra he que a fomenta:  
Huns aos outros nós mesmos atormentamos,  
Com coração de bronze, flagellamos:  
Só o proprio interesse he que nos guia  
E pene quem penar nesta ingrezia.  
Assim dando se vai cabo de tudo,  
Té acabarmos todos em agudo:  
Todos vamos ficando como espetos,  
Em tristes descarnados esqueletos,  
Huns de calvas á mostra, outros tapadas,  
Que a urgencia faz cabeças escalvadas;  
Seguem-se os estupores, e malinas,  
Paralysias, mortes repentinas.  
Nunca vi tantos homens com achaques  
Pelas repetições destes ataques.  
Nestes tempos só vive satisfeito  
O homem de baixa esfera, porque o peito  
Não toma nem fortuna, nem desgraça;  
Com o pouco, que tem, com isso passa;  
Pois não peção sobre elle obrigações  
De familias com certas sujeições.  
O homem de bens, de honrados sentimentos  
Vive sem ter resurça hoje em tormentos;  
Vive, mas hum viver apouquentado,  
Com a fome, e miseria sempre ao lado.  
Porque hum pai de familias com despeza,  
Vendo os recursos todos em fraqueza,  
Se nas faltas, que sente, mais discorre,  
Chora, pasma, esmorece, abate, e morre.  
Ora seja em desconto de peccados,  
Irmos todos á cova entisicados!  
Para não carregarmos aos irmãos,

{26}

{27}

{28}

Que andão tambem (coitados!) pouco são.

Eu vejo cambiar, vender dinheiro,  
Que põe quem compra, e vende de poleiro;  
E os pobres opprimidos, arrastados,  
Que estes são quasi sempre os cambiados.  
E pegou em Lisboa o novo officio,  
Com a capa de ser hum beneficio:  
Tudo especulações destes Senhores  
Compassivos, civís rebatedores,  
Que pudérão achar seguro meio  
De mostrar não querer suor alheio;  
Porque *in verbo* papel a conta he justa,  
Pois o vendem por menos que lhes custa;  
E mostra na consciencia ser exacto  
Quem compra caro, e vende mais barato.  
Disto nossos Avós nunca tiverão;  
Forão-se, não sabendo o que perdêrão.  
Parece que por manha, ou por estudo,  
Se esconde o ouro, e prata, cobre, e tudo,  
A fim de com tal fome, e taes empates,  
Não se acabar a praga dos rebates.  
Lembro-me que na minha mocidade  
Tinha o dinheiro a mesma validade;  
Hoje o Papel Moeda dominante  
Sempre o recebo em quarto minguante;  
Pois se em metal o quero vêr tornado,  
Logo he por *manos limpias* maquiado.  
Porém do mal o menos, feliz eu,  
Se alcançasse em Papel tudo o que he meu.  
Se o dinheiro se vende assim patente,  
Tambem se vende gente á mesma gente.  
O Commercio afrouxou, todos se chorão,  
Vendo que de fortuna não melhorão.  
Tem atacado a Praça em viva guerra  
Tantos Piratas, que ha por mar, e terra.  
São entre nós fazendas genuinas.  
Chinelas, suspensorios, lamparinas,  
Papeis de castiças, graixa a tostão,  
Caixas de obrêas, bolas de carvão.  
As escôvas, que dão lustros mimosos,  
Porque inda não estamos bem lustrosos.  
Só nisto he que se faz algum negocio,  
Tudo o mais pede chuva posto em ocio.

{29}

Eu vejo homens hypócritas tratando  
Negocios de ir os outros depennando  
Com fallas divinas, astutas manhas,  
Com Deos na boca, e o demo nas entranhas.  
Não querem encarregos para a morte,  
Por isso se regulão desta sorte.  
He desta gente o calculo seguinte;  
Tudo que vale cem, comprar por vinte.  
Alminhas boas, que andão entre nós!  
Que do dinheiro são sempre hum cadoz.  
Eu rio quando vejo estes beatos,  
Sanguisugas, e esponjas de contratos;  
De olhos meios fechados a fallarem,  
Até os seus int'resses ultimarem;  
Mas depois dos ajustes serem feitos,  
Abrem os olhos tortos, ou direitos,  
Ora pondo-os no chão, ora no Céu,  
Que este he da hypocrisia o grande véo:  
Té que lhe chega ás vezes neste estudo  
Revéz, em que o diabo leva tudo.

{30}

Portugal, Portugal! eu te lastimo!  
E quando te analyso, desanimo!  
Destes estratagemas, e usos novos  
Provém os muitos damnos dos teus Povos,  
Eu vejo certos homens presumidos,  
E nos cargos, que tem, tão embebidos,  
Que por viverem fartos sem desgraça,  
Assentão que são feitos de outra massa,  
E mostrão se a fallar todos inchados,

Que parecem perús enchouraçados,  
As palavras soltando, como Oraculo,  
Decidindo por si em todo o obstaculo:  
Tratando os que lhes são inferiores,  
Com soberba, impostura, e dissabores,  
Sem verem que huma falla mais ardente  
Dobra o flagello ao triste dependente;  
Que tem de hum bom Despacho a qualidade  
A resposta civil de humanidade.

{31}

Eu vejo homens de grandes ordenados,  
Que fazem os dos outros ser quartados;  
Os que elles tem, sempre achão ser pequenos,  
Mas querem que o dos outros fique em menos;  
Que o triste pão, que o empregado come,  
He que augmenta a despesa, e que faz nome;  
Mas o que elles desfrutão inda occulto  
He huma bagatella, não faz vulto.  
Não maculo ninguem, porém ha disto,  
Como eu por muitas vezes tenho visto.  
Isto com alvo certo não se entende;  
Quem tiver este vicio, que se emende,  
E singular fazer-se não intente  
Á custa do flagello da outra gente.

Eu vejo té nas mesmas Irmandades  
Disputarem-se em meza qualidades;  
E nos públicos actos distincções,  
Como se a Deos servissem gerações;  
Quando a Igreja é a Mãe do rico, e pobre,  
Do velho, e moço, do plebéo, e nobre.  
Porém assombrar isto me não deve;  
Se ha Juiz de irmandade, que se atreve  
A separar na Igreja o challe, e a manta  
Da capa e lenço; isto mais espanta.

{32}

Eu vejo gente mui temente a Deos,  
Que até quer penetrar segredos seus.  
Prognosticando está tremor de terra,...<sup>[4]</sup>  
Bem como se o tremor fosse huma guerra,  
Que os homens entre si movem, se querem,  
Só pelos seus caprichos defenderem.  
Se o Repertorio dêsse hum tremor certo,  
Tinhamos hum Profeta descuberto;  
Que os fundos mineraes em quem bem pensa,  
Pódem casar co' os astros sem dispensa;  
Nem Deos castigo algum ao mundo envia  
Por calculos geraes d'Astrologia.  
Mas he para pasmar vêr que houve gente  
Tão crédula, tão frouxa, tão demente,  
Que para o campo grande se ausentava  
Com susto do tremor, que se esperava!  
Como se taes estragos, e ruinas  
Houvessem de ter vesp'ras, e matinas.  
Com effeito o tremor foi grande assumpto  
Para gente, que espera inda hum defunto.  
Em fim houve no campo nova feira,  
Onde a gente passou a noite inteira  
Em huma companhia historiada.  
A noite das fogueiras em Almada  
Não se passa com mais satisfação!  
Foi huma noite mais de São João!  
Com medo do tremor, que não havia,  
Na vespera fugião já de dia  
Para o campo lindissimas mochachas  
Com os seus taboleiros de bolachas.  
Homens de quartas de agoa se ajuntarão,  
Que apezar do seu medo, inda lucrarão.  
De guitarras sómente havia falta,  
Que he com que nas Gavotas mais se salta.  
Não se fazia Terço, ou Oração,  
Porque o susto pôz tudo em confusão.  
Se viesse instrumento, tarde, ou cedo,  
Perdião as meninas mais o medo.

{33}

De acabar com os homens já são horas;  
Vamos ajustar contas ás Senhoras.

Eu vejo o luxo as bolsas devorando,  
E as Fabricas estranhas sustentando,  
Pondo a nossa Nação empobrecida  
Co' appetite das modas illudida.  
Cada mez huma cousa de outro gosto,  
Que a maridos, e pais lhes dá de rosto.  
E as tafulas cahindo a todo o risco,  
Bem como o passarinho cahe no visco:  
Vestidos de magnifico valor,  
Chailes, e mantas de mimosa côr.  
Muitas diversidades de filós,  
E outras taes tentações: pobres de nós!  
Eu vejo muita cousa vir de França,  
Enfeites, que de os vêr a vista cança;  
Té cabelleiras vem para Senhoras,  
A quem as calvas são mui devedoras,  
Feitas de coifa elastica, e mui preta,  
Com hum monête, em ar de maçaneta:  
Porém estes modernos penteados.  
De cabellos puxados, repuxados,  
As cabeças vão pondo em tal figura,  
Que fazem seja calva a formosura.  
De França nos vem outra corriola,  
De que usão as Senhoras como estola:  
He numa tira elastica de rufos,  
De espaço a espaço tem tambem seus tufos,  
E chamão-lhes da moda as inventoras  
Os modernos caprichos das Senhoras:  
Custão a tres mil réis, outros a mais;  
E assim com estas cousas, e outras tais,  
Vem o sagaz, e o lepido estrangeiro,  
A trocar aqui trapos, por dinheiro.  
Resta virem de França bem bordados,  
Elasticos cueiros perfumados,  
Que ha de ser hum aceio bem acceito  
Para tanta criança que ha de peito.  
A filha da arrastada vendedeira  
Quer trajar á fidalga, e ser primeira.  
Leiteiras, e outras taes eu tenho visto,  
Que de todas as modas são hum misto;  
Atrás de hum burro de ceirão cançadas,  
De rufos, e de folhos enfeitadas,  
Que vão com estas vãs tafularias  
Vendendo leite, nabos, melancias;  
Mas no que esta gentalha tem errado  
He não conhecer bem o seu estado;  
Querendo co'a mais louca presumpção  
Huns, e outros mostrar o que não são:  
Procedendo huma tal desigualdade  
Da falta de juizo, e honestidade.  
E porque não ha nisto meio termo,  
Te vejo, Portugal, bastante enfermo!  
Da fórma que isto indico, não insulto;  
Mas póde percebello o mais estulto.

As nossas circumstancias, nosso estado  
Pedem hum viver hoje acautelado.  
Os tempos para o rico, e para o pobre  
Já são de pouca prata, e muito cobre.  
Ninguem póde fazer hoje thesouro,  
He hum milagre o vêr quartinho em ouro:  
Muito faz quem com boa economia  
Se sustentar hum dia, e outra dia;  
Que se entrudos fizer amiudados,  
Ha de ter muitos dias de finados.  
Luxo na mêza, luxo no vestido,  
Pelos funções hum luxo desmedido,  
No fim se lhe acha o erro que desgosta;  
Por isso tantas náos tem dado á costa!

Eu vejo reviver nos nossos dias  
Das velhas as ridiculas manias

{34}

{35}

{36}

De verem cousas más, pregando peças,  
A pedir Missas, a ultimar Promessas,  
Deixando-as as visões, que lhes fallarão,  
Tão doentes do susto, que mamarão,  
Que se queixão de dores nas barrigas,  
Talvez por hemorroides, ou lombrigas.  
Huma diz que observou, outra que vio,  
Outra que até na cama lhe bolio.  
Ha pouco em certa casa hum donzella  
Levantou por medrosa hum balella,  
Porque sentio á roda do seu leito  
Andar hum ermitão muito direito.  
Logo hum desdentada velha tia  
Respondeo, que de noite ella sentia  
Jogar-se pela salla muito a bola,  
E outras vezes tambem tocar viola:  
Que guardava comsigo este segredo,  
Porque a familia não tomasse medo.  
Acudio a criada delampeira,  
Levantando na casa igual poeira,  
Dizendo que ella vio na chaminé  
Hum pretinho pequeno posto em pé:  
Que vira fora de horas na cosinha  
A cantar, como gallo, hum gallinha,  
E que lhe forão pôr o seu capote,  
E côco de esfregar dentro do pote.  
Mas tudo isto fazia hum tal criado,  
Que andava da criada namorado;  
Porque o dono da casa com disfarce,  
Macaco velho, por desenganar-se,  
Foi-se na carvoeira introduzir  
De noite, sem ninguem o presumir;  
E vendo na alta noite bem a fundo  
Duas almas, que inda erão deste mundo,  
Que era o moço co' a moça conversando,  
Ao encontro sahio, mas perguntando:  
Que querião d'alli, ou a que vinhão?  
Ou se restituições algumas tinhão?  
Que trazia hum arrocho exp'rimentado,  
Para lhes acabar aquelle fado.  
E depois de molhar a sua sopa,  
Impoz pela manhã, com vento em pôpa,  
As duas cousas más, e nesse dia  
Á familia pagou igual quantia.

{37}

Tambem em Campolide hoje acontece  
Hum caso, que aos das velhas se parece.  
Pois houve hum pobre alarve, que morrêo,  
E a seu filho em fantasma appareceo,  
Determinando a venda de hum vacca,  
Para pagar o panno da borjaca,  
Que escava ao mercador inda devendo,  
Por cuja causa andava padecendo.  
O filho foi fallar-lhe, por esperto,  
Porém veio de lá de horror cuberto;  
Cahio na cama trémulo, e doente,  
Que inda concorre a ir vêllo muita gente.

{38}

As cousas más serão cousa mui boa,  
Huma vez que appareção por Lisboa;  
Porque havendo nas casas esta fama,  
Foi-se dos Senhorios a derrama,  
Que vão a excesso tal subindo a renda,  
Que não ha já com casas quem se entenda;  
E se o inquilino pede hum equidade,  
Tirão-lhe seis tostões por caridade.  
Porém motins de noite nos sobrados,  
Fantasmas de lençoes pelos telhados,  
Deitada a fama destas pataratas,  
Só assim se acharão casas baratas.

Eu vejo das Tafulas a mania  
No luxo, com tão grande bizzarria,  
Que parece, que perdem da lembrança  
Da vida á morte a funebre mudança;

{39}

Engolfadas na moda dos vestidos,  
Nas guarnições, nos fôlhos, e franzidos,  
Não lhes vem hum instante ao pensamento  
Da guerra, fome, e peste o abatimento.  
Quem vê, que pelo mundo ha destes p'rigos,  
Deve temellos mais, como castigos  
Das vaidades, caprichos, soberbias,  
Desmazelos, excessos, fantasias;  
E pôr a tanto luxo hum meio termo,  
Que serve de enfeitar hum corpo enfermo.  
O tempo em consumir-nos he veloz,  
Não respeita Toukins, Rendas, Filós;  
He preciso pensar, com seriedade,  
N'um tempo de huma tal calamidade!  
Reformando-se vidas, e costumes,  
Que este tempo não he de antigos Numes,  
Huns fabulosos Deoses, que illudião  
Os povos, que a seu gosto he que os fazião.  
Vigia sobre nós a MÃO ETERNA,  
Que nos castiga, ampara, e nos governa;  
Escandaliza aos olhos da razão,  
Tanta desenvoltura, e perdição.

Tocando nas que são de baixa esfera,  
Esta gente tambem não se modera;  
Raparigas de brutos o retrato,  
Nutridas só, de vicios, sem recato,  
Criadas sem algum regulamento,  
Nem querem trabalhar para o sustento;  
Não buscão de servir decentes meios,  
Não querem aturar genios alheios;  
Quando muitas, que em casas tem servido.  
Fortunas tem achado, e bom marido;  
Mas querem exceder os seus limites,  
Sustentar luzimentos, e appetites,  
Nos péssimos int'resses embebidas,  
Se fazem desgraçadas, e perdidas,  
Mãos exemplos de Mãis, Pais inhumanos,  
He que põem estas tristes em taes damnos;  
A Mãi, que a filha achar por manha tonta,  
Huma tunda lhe dê, por minha conta.

Vejo muitas Senhoras pela rua,  
Como se andassem pela casa sua,  
De sáia, e de jaleco sem mais nada,  
A cabeça composta de palhada,  
Na mão o indispensavel, n'outra o leque,  
Andando como doudas, téque téque:  
E isto sempre com tal desembaraço,  
Que hum passo não alcança o outro passo.  
Sem chaile, manta, capa, nem capote,  
Tendo a desenvoltura por hum dote:  
Perdida assim aquella gravidade  
Das sérias Portuguezas d'outra idade.  
Não digo, nem direi que he uso em todas  
Os excessos ridiculos das modas,  
Inda ha muitas familias commedidas,  
Honestas, sérias, graves, bem regidas.  
Fallo da que na rua encontro só,  
Sem Mãi, tia, cunhada, nem avó:  
Bem como a expatriada taverneira,  
Que partio do seu reino aventureira,  
Para pôr em Lisboa em qualquer parte  
Tasca com hum fogão, e hum estandarte;  
E que sem mais decencia, nem reparo,  
Vai ás praças comprar o seu preparo,  
Com vestido de chita, nús os braços,  
Touca de folhos liza, ou com seus laços.  
Por isto os homens todos mais se atrevem,  
Quando fallando estão, ou quando escrevem  
Contra hum sexo, que sempre foi perfeito,  
Mas que em parte vai tendo algum defeito  
Nos trajes, que adoptou á estrangeira,  
Com a capa de ser tudo á ligeira.

{40}

{41}

Ah mantos, mantos! tempo abençoado,  
Em que tudo se via respeitado!  
Inda que ouço dizer a alguns espertos,  
Que os olhos estão hoje muito abertos.  
Tomára perguntar-lhes: Que tivemos  
Desta grande esperteza, que hoje vemos?  
Andarem raparigas pelas praças  
De noite, e dia expostas a desgraças?  
Mães, e filhas chegando a tal estado,  
Que não temem do mundo o máo olhado?  
Agourar os cometas, que apparecem?  
Vêr Balões, que no ar desaparecem?  
Não dar credito a nada, que se lê;  
Porém dos Repertorios fazer fé?  
Viver de muitas tramas, e illusões?  
Usar-se pantalonas por calções?  
O cabelo sem pós, chapéo redondo?  
Fallar, sem fundamento, com estrondo  
Nos Barcos de vapôr, e seu destino?  
No rapé ordinario, grosso, e fino?  
Não me devo metter n'outras materias;  
A decencia me pede lhes dê ferias.  
E viviamos nós tão atrazados?  
Traziamos os olhos bem fechados!  
Porém não sei de que he que quando havião  
Esses olhos, que d'antes não se abrião,  
Havia a boa fé, humanidade,  
Consciencia, moral, honestidade,  
Nos Officios Divinos devoção,  
Sério, respeito, boa educação:  
Disto nascião genios de ternura,  
Juizo, compaixão, amor, candura;  
Hoje notão-se, como raridades  
Encontrarem-se destas qualidades.  
Por todo o mundo espiritos inquietos  
Andão-se levantando como insectos,  
Não abração a paz, nem o socego,  
O de olhos mais abertos anda cego,  
Sendo desta mania o fim primeiro  
O saciar de sangue, e de dinheiro.

{42}

Portugal, Portugal! eu te lastimo,  
Porque he tudo verdade quanto exprimo!  
Eu vejo homens casados namorando,  
Que se vão por solteiros inculcando;  
Ás mulheres dos mais arrastão aza,  
E ardem se o mesmo mal lhes vai por casa,  
Sem se lembrarem que estas influencias  
Trazem comsigo tristes consequencias,  
E que fazer aos mais nunca devemos  
O que para nós outros não queremos.

Eu vejo huma menina das d'agora,  
Que por casar não quer estar hum' hora,  
E que inda que naufrague, e vá ao fundo  
Parece-lhe fugir-lhe já o mundo;  
Que até já de doze annos vejo muitas  
Fazendo aos chichisbéos certas perguntas,  
Dirigidas sómente a casamento,  
Que ás vezes se converte n'hum tormento;  
Quando algum dia poucas se casavão,  
Em quanto os dezenove não contavão.  
Mas que ha de ser, se a mãe de pequeninas  
Quer que pisquem os olhos as meninas!  
E fica por gracinha da criança  
O saber namorar muito em lembrança.  
Com esta educação se desenvolvem,  
Té que de graça a sério se resolvem,  
E sem que esperem ser fruta do tarde,  
Vão sujeitar-se ao jugo (Deos as guarde.)

{43}

{44}

Eu vejo certos genios de Senhoras,  
Que variando estão todas as horas,  
Muito doudas no modo de pensar,  
Por isso bem não podem acertar.

Se adormecem mui fixas n'hum intento,  
Acordão já com outro pensamento:  
Fazem desta inconstancia mesmo alarde,  
O que são de manhã, não são de tarde.  
Em muitas se descobre este defeito,  
O qual tomão os homens muito a peito;  
Porque não sabem, vendo esta incerteza,  
Quando a mulher he falsa, ou tem firmeza,  
Quando zomba, entretém, ou falla serio,  
Ou se anda louca, de juizo aério.

Vejo algumas de genio impertinente,  
Que postas a fallar matarão gente  
Com gritos, que se mettem nos ouvidos,  
Que muitas ensurdecem os maridos.  
Surdos devião elles todos ser,  
Para o luxo das filhas, e mulher,  
Prendas, e dotes n'hum Dama boa  
No luxo não estão, sim na pessoa.  
Nossas avós, que em moças se casarão,  
De luxo com excesso não usarão;  
E se alguma comsigo mais gastava,  
Lindas sedas do Reino he que comprava:  
Das quaes, inda depois de ser usadas,  
Se fazião cubertas aceadas;  
E não podre filó com bordadura,  
Que tres, quatro lavagens só atura,  
Comprado por hum mimo rico e guapo,  
Que no fim de seis mezes he hum trapo;  
E o dinheiro a cahir pela invenção,  
Apezar da barriga não ter pão.  
Luxo no frontespicio he que apparece,  
Em tudo o mais pobreza se conhece.

Tambem do compromisso he a partida:  
E porque a gente seja bem servida,  
Vêm o opio do chá tambem por luxo,  
Ou agoa quente de enxagoar o buxo;  
Que não passando de agoa, e de fatia,  
Leva hum par de tostões: quem tal diria!  
E para que se bote a conta a tudo,  
Vamos vêr o que leva por miudo.  
Aparelho aceado, igual bandeja,  
Porque o brio da casa alli se veja:  
Perola, Aljôfar, ou Hisson, e Uxim;  
Carvão, manteiga, e assucar não ruim;  
Criadas de trazer, e de levar;  
Agoa a ferver até isto acabar.  
Anda a Dona da casa sem descanso  
Dando por toda a copa o seu balanço;  
Se de humas cousas tem, ha de outras falta;  
No aparelho o gatinho ás vezes salta;  
O estrondo, que elle faz, ouve-se fora,  
Parte á cozinha em sustos a Senhora:  
Vê seis, ou sete chavanas quebradas,  
E por desgraça são das emprestadas.  
Dá co'hum páo na criada, e mais no gato;  
Põe-se a moça a chorar, juntando o fato.  
Este o risco, este o trem, he esta a lida,  
Para pão com manteiga, agoa fervida!  
Ah tempos, tempos! Como estaes mudados!  
Onde estão as merendas dos estrados?  
Onde a crespa salada, e a ella junto  
O saboroso paio, o bom presunto?  
Perdeste, Portugal, costumes taes,  
E com elles perdeste os cabedaes!  
Querendo só com chá em abundancia,  
Que he tudo fórma, e nada de substancia,  
Crear todo o vigor, de que careces  
Nestas enfermidades, que padeces.

Vejo tambem Senhoras mui teimosas,  
E nas teimas, que tem, tão caprichosas,  
Que por levarem só a sua avante,  
Levantão testemunhos n'hum instante.

{45}

{46}

{47}

Accelerão-se, gritão, e esbravejão,  
Só porque accreditadas melhor sejam.  
Se alguém as desmentio, temos historia,  
He offensa, que fica de memoria;  
Porque quem commetter tal attentado,  
Conte ficar por ellas mal olhado;  
Que huma mulher tem tanto de extremosa,  
Compassiva, amavel, carinhosa,  
Como tem de raivosa, e vingativa,  
Delirante, indomavel, cega, e altiva,  
Se offendida se vê, ou tem ciume,  
Parece que dos olhos lhe sahe lume,  
E n'hum tal frenesi a pobre cai,  
Que d'alli a morrer mui pouco vai.  
Tambem as modas lhes vão dando a morte;  
Pois vejo-as em Janeiro áspero, e forte,  
De panninho, e de chitas armadinhas,  
De caças, de filós, ou de sedinhas:  
De dia em dia paixão constipadas,  
Por isso vemos tantas descoradas,  
Com dôr de peito, com tossinha secca,  
Com pertinazes dores de enxaqueca.  
O homem no anno tem quatro estações;  
As Senhoras não tem senão verões.  
Elles abafão-se, ellas põem-se á fresca;  
Que he quando o reumatismo mais se pesca.  
Algum dia o baetão, panno, ou veludo  
Da Senhora era o trajo mais sisudo,  
Com que de inverno andava reparada  
Dos grandes frios, e áspera geada;  
E inda, além de ser isto uso decente,  
Raras vezes se via huma doente,  
Hoje agoas ferreas, ares de Bemfica,  
Banhos de mar, remedios de botica,  
Vão as Senhoras pondo em tal frescura,  
Que vão fartas de fresco á sepultura.

Ora pois, Portugal, eu te lastimo!  
E só para teu bem he que te intimo,  
Visto haver já mui pouco quem te entenda,  
Que tenhas nos abusos mais emenda.  
Quem a qualquer faisca acode logo,  
Não vê arder em casa hum grande fogo.  
Talvez por eu dizer isto, que sinto,  
Apezar de saber-se que não minto,  
Muita gente dirá que cuide em mim:  
Que deixe Portugal, e o Mundo assim;  
Que por mais que me empenhe na reforma,  
O Mundo não se afasta desta norma.  
Eu isso lhe concedo, não lho nego;  
Porém se em verso, e prosa assim lhe prégo,  
He para no sermão fazer-lhe certo  
Que o sei conhecer bem, e bem de perto.

E tu, ó Portugal, se inda te illudes,  
Os vicios confundindo co'as virtudes,  
Enlevado na moda, e nos abusos,  
Esquecido dos teus antigos usos,  
Filosofias novas não abrases,  
Com estes modernismos não te enlaces;  
Modifica os costumes, que te arrastão,  
Que inda o pouco, que tens, isso te gastão:  
Faze que resuscite de huma vez  
O honrado, e bom character Portuguez:  
Faze que as Bellas Letras possam inda  
Mostrar aos nacionaes a face linda,  
Que raiando de novo, como a Aurora,  
Dêm aos genios enfermos a melhora.  
E talvez possa então a mocidade  
Criar-lhes mais amor, mais amizade;  
Que n'hum espasmo tal, nesta inação  
De tão perniciosa educação,  
A tudo, quanto he bom, se perde o gosto,  
Nem de hum livro se lê sequer o rosto.

A mesma encantadora alta Poesia  
 Apreço já não tem, como algum dia:  
 Então era por todos estimada;  
 Hoje está, como tudo, desgraçada.  
 Feliz tempo de antigos Portuguezes!  
 Camões, Sá de Miranda, Sá Menezes;  
 Hum Castilho, huns Andrades, hum Ferreira,  
 Castro, Teive, Bernardes, e Silveira;  
 George de Monte-Mór, Franco Barreto,  
 Do almo Virgilio Traductor completo;  
 Candido Lisitano Mestre da Arte,  
 Hum Bacellar, que em meu louvor tem parte;  
 Hum Matos Traductor do grande Tasso,  
 Educado das Musas no regaço;  
 Homens de gosto, de arte, e natureza,  
 Honra da Lingoagem Portugueza!  
 Nos escriptos de então se descobria  
 A sentença, a doçura co' a harmonia.  
 Mais proximos a nós muitos respeitão  
 Outros mil, cujas obras nos deleitão:  
 Hum Tarouca, hum Penalva, hum Ericeira,  
 De quem a alada Fama he pregoeira;  
 Hum Gregorio de Matos bem sabido,  
 Hum Alexandre, hum Pinto Renascido,  
 Frei Simão, nos seus versos implicado  
 Com este Renascido mal fadado;  
 Hum Lobo Leiriense, Cunha, e Pina,  
 Hum Padre Bras, que em graça não declina;  
 Hum Duarte Ferrão muito erudito,  
 Que produzio o Metrico Palito;  
 (Se delle o proprio nome este não he,  
 Conheça-se em Reitor da Nazaré;)  
 Hum Brito de Vianna, hum Meliseu,  
 Pimenta jovial no que escreveu;  
 Hum Vilella, hum Basilio, hum Paradiz,  
 Hum Gonzaga, hum Garção, douto Diniz;  
 Claudio, Quita, Alvarenga, Hum Amaral,  
 Hum Bandeira bastante social;  
 O Sabio, e inimitavel Tolentino,  
 Que aprendeo a viver no seu ensino;  
 Bocage, Pimentel, Curvo Semmedo,  
 O actual Orador Padre Macedo;  
 Hum Padre Nascimento, hum Quintanilha,  
 Com quem Apollo fez igual partilha;  
 Dias em Bellas Letras eminente,  
 Figueiredo no Cómico eloquente;  
 Hum Torres, hum Massuellos, Lara, Azedo,  
 Moraes, e outro estimavel Figueiredo:  
 Cujos Nomes a Febo enchem de gloria,  
 A Fama os leva ao Templo da Memoria.

{50}

Matos, que desde a idade juvenil  
 Se casou com a Musa Pastoril:  
 Tudo quanto escreveo hoje se preza;  
 Por mostrar huma rara natureza.  
 Dois Ribeiros, Brandão, hum vago Lobo,  
 Que de critico a fama lhe não roubo;  
 O celebrado Abbade de Jacente,  
 Hum Theodoro com elle contendente;  
 Hum Caldas Brasileiro, no improviso  
 Engraçado, modesto, e com juizo:  
 Sempre em qualquer assumpto discorria,  
 Deixando, satisfeita a companhia:  
 Se delle algum rival ha por desgraça,  
 Aponte-me segundo, que isto faça!

{51}

{52}

Dois Barunchos, Otone, e mais Coutinho,  
 Que acertarão das Musas no caminho;  
 Hum Medina, hum Novaes, Maya, e Delgado;  
 Hum Bersane no Lirico affamado,  
 Severino, e Soares Portuense,  
 Hum Maximo, que o iguala, se o não vence;  
 Hum engenhoso Barros, que em viveza  
 Prodigio mostra ser da natureza;  
 Hum Cabral Transmontano ás Musas dado,

Nobrega, que viveo tão desgraçado;  
Hum Guerreiro, e Belmiro, que honra o Douro:  
Todos a C'rôa tem do Febeo Louro.

Mais tres Vates, a quem faltou a vista,  
(Que remedio não ha, que lhe resista.)  
Hum Thomaz, hum Martins, novo Castilho,  
Qualquer delles de Apollo digno filho.  
Mas se dos olhos toda a luz perdêrão,  
No juizo outras luzes accendêrão.  
Hum Araujo, hum Lopes, hum Moniz,  
Mayo e Lima, que já ferir me quiz:  
Que inda apezar do ataque, que me fez,  
Jamais de o elogiar perderei vez;  
Que ataques de Poeta, inda os maiores,  
Como foguetes são de jogadores.  
Estes Genios harmonicos, que pinto,  
Lá no Premesse tem lugar distinto,

{53}

Hum Durão Padre Mestre Graciano  
Com Estro divertido Americano.  
Serra, Ferreira Lobo, o bom Forjaz,  
E o Beneficiado Velho Vaz  
(O consoante aqui me deo conselho,  
Para pôr Velho Vaz, e não Vaz Velho.)  
O Conego José São Bernardino,  
Filho tambem de Apollo, homem de tino;  
Campello, os dois Malhões, Mello, e Raposo,  
Carvalho, igual ao jovial Barroso;  
Hũ Costa, hũ Bingre, hũ Camera, hũ Verné,  
Quintella, Xavier, Padre Soye.  
Dois Botelhos Professo, e Secular,  
Hum Antonio Ricardo, hum Aguiar.  
Estes Vates, que aponto, se conhecem,  
E huma eterna saudade nos merecem:  
Qualquer delles crêdor de melhor sorte,  
«E outros, em quem poder não teve a morte.»  
Quasi todos nas obras, que deixárão,  
Seus Nomes sem vaidade eternizárão.  
Destes Vates mui poucos vivos são,  
E todos elles honrão a Nação.  
Confesso que hoje tenho a maior gloria  
Em trazer estes Genios á memoria.  
Mas que serve escrever grandes volumes,  
Se estão prevaricados os costumes!  
Quatro velhos, que lêem estes Authores,  
São os que inda lhes dão justos louvores;  
Que estes meninos de hoje (coitadinhos!)  
Estudão n'outras classes de livrinhos,  
Livrinhos, com que o demo quiz campar,  
Para as bolsas de todo entisicar.  
Pouca gente conhece, ou avalia  
O trabalho, que dá qualquer Poesia.  
Lêr, e rir bem se vê não custar nada;  
Compor empreza foi sempre arriscada;  
E por isso estimar-se mais se deve  
A penna, que em qualquer assumpto escreve.

{54}

Portugal, Portugal! eu te lastimo,  
Se com verdades taes te não animo!  
Sem se lêr, nada bom póde fazer-se;  
Edificios não ha sem alicer-se.  
Quem lê, e estuda a fundo sem jactancia,  
Dissipa as densas nuvens da ignorancia.  
Se já puzeste as Armas em descanco,  
Vai dar nas Livrarias hum balanço:  
Escolhe, compra, e lê; porque a lição  
Ha de accender-te as luzes da razão:  
Ella ensina, interessa, ella diverte,  
E póde dar juízo ao mais inerte.  
E se, seguindo a ordem, que me espera,  
«Eu nunca mais serei quem d'antes era,»  
Recordando o que eu digo alguns instantes,  
Portugal, tu serás qual eras d'antes.

{55}

{56}

---

*As cousas todas veja aqui mudadas  
Em tristes as que ledas ser soyão  
As tristes muito mais tristes tornadas.*  
Bernard. Cart. VI.

---

## SONETO.

Soffreo Lysia hum Tremor de terra horrendo,<sup>[5]</sup>  
 Seguio-se-lhe depois Traição ferina,<sup>[6]</sup>  
 Rebateo de hum Leão furia, e rapina,<sup>[7]</sup>  
 E pouco a pouco foi a frente erguendo:<sup>[8]</sup>  
 Por morte do seu Rei ficou gemendo,<sup>[9]</sup>  
 E o Céu, por consolalla, lhe destina  
 Soberana immortal quasi divina,<sup>[10]</sup>  
 Que em paz o Povo seu ficou regendo:  
 Hum Monstro de ambição, e de vingança<sup>[11]</sup>  
 Surge do centro do sulfureo Averno,  
 Perde a Europa o equilibrio da balança:  
 Restaura Portugal seu bom Governo;  
 Mas não vê o seu Rei!.. Esta lembrança<sup>[12]</sup>  
 O põe banhado em pranto, e em luto eterno.

{58}

{59}

Ao Author se mandou pelo Correio carta sem nome, datada de 22 de Julho do presente anno de 1819, na qual se lhe pedia, com o maior empenho, quizesse decifrar o seguinte Epitaphio enigmatico; e que na primeira Obra, que desse á luz, puzesse a sua definição.

Suspeita-se porém que a carta veio de pessoa gorda; e ou fosse escrita por basofia, ou por divertido ataque ao Author, seja qual for o motivo, elle vai a satisfazer.

*Epitaphio Enigmatico.*

Ci git le fils, ci git la mere,  
 Ci git la fille avec le pere,  
 Ci git la soeur, ci git le frere,  
 Ci git la femme, et le mari,  
 Et ne sont que trois corps ici.

Responde o Author: Que logo que o filho seja hermaphrodito, temos neste aborto da natureza filho, e filha, irmão, e irmã em hum corpo só. No pai, e mãe temos marido, e mulher, que são dois corpos: por morte de todos, jazem só tres no tumulo.

Por outra: Tendo hum homem huma filha, e deixando-a ainda criança, para ir viajar, quando voltou, casou com ella, por hum acaso, ignorando ser a mesma, que deixou de pequenina; e vindo a ter hum filho della, e a morrer todos tres pela ordem do tempo, indo todos á mesma sepultura, fica bem claro que alli se achão filho, e mãe, filha, e pai, irmão, e irmã, mulher, e marido, tudo em tres corpos.

{60}

Estimará o Author ter acertado, ou que algum dos seus curiosos Leitores descubirão melhor intelligencia, com tanto que não seja a que vem explicada no primeiro tomo do Divertimento de Estudiosos pag. 59, onde se acha este mesmo Enigma mais resumido; porque aponta, seis pessoas, e dá enterrados só dois corpos, como se vê no seguinte:

Cy gist le pere, cy gist la mere,  
 Cy gist la soeur, cy gist le frere:  
 Cy gist la femme, e le mary;  
 Et n'y a que deux corps icy.

*Divertim. de Estud. Tom. I. pag. 59.*

Agora roga o Author ao Amigo, que lhe escreveu a mencionada carta, queira decifrar-lhe tambem os Enigmas, Advinhação, e Charades, que se seguem, e que se não tirarão de Livros.

{61}

*1.º Enigma.*

Eu sou hum Mundo sem gente,

Figuro em qualquer trabalho;  
Humas vezes não sou nada,  
Outras vezes muito valho:  
Eu entro no Purgatorio,  
E tambem vou ao Inferno,  
Entrada tenho no Ceo,  
E estou ao lado do Eterno:  
Os Anjos de mim dependem,  
Os Virtuosos, e os Santos;  
No Mundo, sem ser aranha,  
Ando sempre pelos cantos.

O que isto será \*  
O Leitor o dirá. \*

{62}

### *2.º Enigma.*

Vinte e hum homens se embarcáráo,  
Temporal os apanhou;  
Morrêráo vinte afogados,  
Temos hum, que se salvou:  
Este seguio a viagem;  
Mas comsigo sempre achou  
A conta dos mesmos vinte,  
Com que na praia embarcou;  
Que por sinal de amizade,  
Que sempre se praticou,  
Alguns as mãos apertavão  
Aos socios do que escapou.

Desejava-se saber \*  
Dos vinte quaes vem a ser. \*

{63}

### *3.º Enigma.*

Compráráo-se doze,  
Mas seis estruidos,  
E forão por doze,  
Os seis repartidos:  
Com partes iguaes  
Os doze ficáráo;  
Porém os perdidos  
Aqui não entráráo:  
E faz esta conta  
Ser certa, e ser boa,  
Caber huma inteira,  
A cada pessoa.

Para melhor perceberes \*  
Resta saber soletrar; \*  
Depois disto conheceres, \*  
Luzes podes alcançar \*  
Vastas, para me entenderes. \*

{64}

### *Adivinhação.*

Julgão-me todos riqueza,  
Porém ando esfrangalhado;  
E quem me vê neste estado,  
He que mais me estima, e preza:  
Minha mulher, sem benzer  
De quebranto, os mais defende;  
E quem de mófas se offende,  
A vai a outro off'recer:  
O ser branco, ou ser vermelho,  
Não me faz algum destrôço;  
Tanto me estimão em moço  
Como depois que sou velho.

1.<sup>a</sup> Charade.

Se o principio do meu nome  
Vem d'Astro de claridade,  
He bem, que, sendo celeste,  
Seja o meio a caridade:  
E que o fim, de igual razão,  
Vos denote a compaixão;  
Vindo unido a defender,  
Vossa vida, e vosso ter.

Solta as redeas ao discurso, \*  
Dá combinação, ás cousas; \*  
Do Sabio he este o recurso. \*

{66}

2.<sup>a</sup> Charade.

A primeira, e segunda he mui veloz;  
Sendo aguda a terceira afflige, e mata;  
E quem reúne as tres, faz-se hum algoz.

Cabe na mente do esperto \*  
Saber o quanto te digo; \*  
Dorme, sahirás deste apêrto. \*

Amigo, escusas cançar-te;  
Por ter de ti compaixão,  
Nos versos, que tem estrella,  
Acharás a explicação.

Se Acrosticos não entendes,  
(O que não he natural,)  
He por que tens a cabeça  
Formada de pedra, e cal.

{67}

CATALOGO

*Das Obras impressas de José Daniel Rodrigues da Costa.*

- Rimas I. e II. Tomo.
- Theatro Cómico de pequenas Peças.
- Almocreve de Petas, dividido na 2.<sup>a</sup> impressão, em 3 Tomos.
- Comboi de mentiras.
- Espreitador do Mundo novo, em que vem as 6 partes dos Opios.
- Barco da Carreira dos tólos.
- Jôgo dos Dotes.
- Hospital do Mundo.
- Camera Optica.
- Tribunal da Razão.
- Revista dos Genios.
- Roda da Fortuna.
- Os Enjeitados da Fortuna.
- O Poema do Balão aos Habitantes da Lua.
- E esta de Portugal enfermo por vicios, e abusos.

{68}

*Do mesmo Author se imprimirão avulsos os Folhetos seguintes.*

- Quadras alegres aos Annos do Serenissimo Senhor D. Pedro Carlos, em 1804.
- Quintilhas ao mesmo Senhor, em 1805.
- Ditas ao mesmo assumpto, em 1806.
- Quadras divertidas ao mesmo, em 1807.
- Espelho de jogadores. Este Folheto vem tambem impresso na Revista dos Genios.

*Obras do mesmo Author, impressas do anno de 1808 por diante, ao vasto, e calamitoso assumpto da invasão dos Francezes em Portugal.*

- Protecção á Franceza I. e II. Parte.
- Partidista contra Partidistas.
- Resposta á Proclamação, que em Hespanha fez o General Augereau.
- Cantigas Patrioticas.
- Surriada a Massena I. e II. Parte.
- Conversação Nocturna das Esquinas do Rocío de Lisboa.
- Carta de parabens, com hum Dialogo dos dois Generaes Francezes Filippon, e Bertier. {70}
- Encontro na Eternidade dos dois Generaes Francezes Marmont, e Bonnet.
- Silva ao memoravel Lord Wellington.
- Testamento engenhoso do Dom Quixote da França, ao partir para a Russia.
- Canto funebre na sentida Morte da nossa Soberana a Senhora D. MARIA I.

As pessoas curiosas podem esperar pela Parte II. desta Obra, para poderem então mandalla encadernar, junta com o Poema do Balão aos Habitantes da Lua, que assim lhes ficará hum Livro de 8.º completo.

---

*Vende-se esta Obra na Loja de Francisco Xavier de Carvalho, defronte da Rua de S. Francisco da Cidade; na de Antonio Manoel Polycarpo da Silva, junto ao Senado; na de Antonio Xavier Moreira, da Impressão Regia debaixo da Arcada; na de João Henriques, no principio da Rua Augusta; na de Antonio Pedro, na Rua do Ouro; na de Luiz José de Carvalho, aos Paulistas; e em Belém, na da Viuva de José Tiburcio. Preço 240 réis.*

---

[1] ... A desejada vinda dos nossos Soberanos.

[2] *Ameijoadas*, são noites perdidas: tirada esta palavra do Diccionario novo dos Tafues.

[3] *Patusca*, palavra tirada do mencionado Diccionario apenso.

[4] Hum tremor imaginario, com que em 20 de Agosto do presente anno de 1819 se intimidou parte do Povo de Lisboa, tomando em diverso sentido o que lhes dizia o Reportorio naquelle mez.

[5] O grande Terremoto do 1 de Novembro de 1755.

[6] O horroroso attentado na infausta noite de 3 de Setembro de 1758.

[7] A guerra da Hespanha contra Portugal em 1761.

[8] A reedificação da Cidade de Lisboa.

[9] A morte do sempre memoravel Rei o Senhor D. JOSÉ I.

[10] O feliz Reinado da Fidelissima Senhora D. MARIA I.

[11] O Tyranno do Mundo, assollador dos Povos, Napoleão Bonaparte.

[12] O nosso amabilissimo Monarcha o Senhor D. JOÃO VI.

**Notas de transcrição:**

O texto aqui transcrito, é uma cópia integral e inalterada do livro impresso em 1819.

Mantivemos a grafia usada na edição impressa, tendo sido corrigidos alguns pequenos erros tipográficos evidentes, que não alteram a leitura do texto, e que por isso não considerámos necessário assinalá-los. Mantivemos inclusivamente as eventuais incoerências de grafia de algumas palavras, em particular quanto à acentuação.

Na edição impressa, foram usados caracteres que já não são usados, em particular "u com til" ( ũ ). Para representar esses caracteres tirámos partido das potencialidades do html e css. O método usado foi testado com os *browsers* mais populares à data desta edição electrónica, mas ainda assim o resultado pode variar de utilizador para utilizador.

Updated editions will replace the previous one—the old editions will be renamed.

Creating the works from print editions not protected by U.S. copyright law means that no one owns a United States copyright in these works, so the Foundation (and you!) can copy and distribute it in the United States without permission and without paying copyright royalties. Special rules, set forth in the General Terms of Use part of this license, apply to copying and distributing Project Gutenberg™ electronic works to protect the PROJECT GUTENBERG™ concept and trademark. Project Gutenberg is a registered trademark, and may not be used if you charge for an eBook, except by following the terms of the trademark license, including paying royalties for use of the Project Gutenberg trademark. If you do not charge anything for copies of this eBook, complying with the trademark license is very easy. You may use this eBook for nearly any purpose such as creation of derivative works, reports, performances and research. Project Gutenberg eBooks may be modified and printed and given away—you may do practically ANYTHING in the United States with eBooks not protected by U.S. copyright law. Redistribution is subject to the trademark license, especially commercial redistribution.

## START: FULL LICENSE

### THE FULL PROJECT GUTENBERG LICENSE

PLEASE READ THIS BEFORE YOU DISTRIBUTE OR USE THIS WORK

To protect the Project Gutenberg™ mission of promoting the free distribution of electronic works, by using or distributing this work (or any other work associated in any way with the phrase “Project Gutenberg”), you agree to comply with all the terms of the Full Project Gutenberg™ License available with this file or online at [www.gutenberg.org/license](http://www.gutenberg.org/license).

### **Section 1. General Terms of Use and Redistributing Project Gutenberg™ electronic works**

1.A. By reading or using any part of this Project Gutenberg™ electronic work, you indicate that you have read, understand, agree to and accept all the terms of this license and intellectual property (trademark/copyright) agreement. If you do not agree to abide by all the terms of this agreement, you must cease using and return or destroy all copies of Project Gutenberg™ electronic works in your possession. If you paid a fee for obtaining a copy of or access to a Project Gutenberg™ electronic work and you do not agree to be bound by the terms of this agreement, you may obtain a refund from the person or entity to whom you paid the fee as set forth in paragraph 1.E.8.

1.B. “Project Gutenberg” is a registered trademark. It may only be used on or associated in any way with an electronic work by people who agree to be bound by the terms of this agreement. There are a few things that you can do with most Project Gutenberg™ electronic works even without complying with the full terms of this agreement. See paragraph 1.C below. There are a lot of things you can do with Project Gutenberg™ electronic works if you follow the terms of this agreement and help preserve free future access to Project Gutenberg™ electronic works. See paragraph 1.E below.

1.C. The Project Gutenberg Literary Archive Foundation (“the Foundation” or PGLAF), owns a compilation copyright in the collection of Project Gutenberg™ electronic works. Nearly all the individual works in the collection are in the public domain in the United States. If an individual work is unprotected by copyright law in the United States and you are located in the United States, we do not claim a right to prevent you from copying, distributing, performing, displaying or creating derivative works based on the work as long as all references to Project Gutenberg are removed. Of course, we hope that you will support the Project Gutenberg™ mission of promoting free access to electronic works by freely sharing Project Gutenberg™ works in compliance with the terms of this agreement for keeping the Project Gutenberg™ name associated with the work. You can easily comply with the terms of this agreement by keeping this work in the same format with its attached full Project Gutenberg™ License when you share it without charge with others.

1.D. The copyright laws of the place where you are located also govern what you can do with this work. Copyright laws in most countries are in a constant state of change. If you are outside the United States, check the laws of your country in addition to the terms of this agreement before downloading, copying, displaying, performing, distributing or creating derivative works based on this work or any other Project Gutenberg™ work. The Foundation makes no representations concerning the copyright status of any work in any country other than the United States.

1.E. Unless you have removed all references to Project Gutenberg:

1.E.1. The following sentence, with active links to, or other immediate access to, the full Project Gutenberg™ License must appear prominently whenever any copy of a Project Gutenberg™ work (any work on which the phrase “Project Gutenberg” appears, or with which the phrase “Project Gutenberg” is associated) is accessed, displayed, performed, viewed, copied or distributed:

This eBook is for the use of anyone anywhere in the United States and most other

parts of the world at no cost and with almost no restrictions whatsoever. You may copy it, give it away or re-use it under the terms of the Project Gutenberg License included with this eBook or online at [www.gutenberg.org](http://www.gutenberg.org). If you are not located in the United States, you will have to check the laws of the country where you are located before using this eBook.

1.E.2. If an individual Project Gutenberg™ electronic work is derived from texts not protected by U.S. copyright law (does not contain a notice indicating that it is posted with permission of the copyright holder), the work can be copied and distributed to anyone in the United States without paying any fees or charges. If you are redistributing or providing access to a work with the phrase “Project Gutenberg” associated with or appearing on the work, you must comply either with the requirements of paragraphs 1.E.1 through 1.E.7 or obtain permission for the use of the work and the Project Gutenberg™ trademark as set forth in paragraphs 1.E.8 or 1.E.9.

1.E.3. If an individual Project Gutenberg™ electronic work is posted with the permission of the copyright holder, your use and distribution must comply with both paragraphs 1.E.1 through 1.E.7 and any additional terms imposed by the copyright holder. Additional terms will be linked to the Project Gutenberg™ License for all works posted with the permission of the copyright holder found at the beginning of this work.

1.E.4. Do not unlink or detach or remove the full Project Gutenberg™ License terms from this work, or any files containing a part of this work or any other work associated with Project Gutenberg™.

1.E.5. Do not copy, display, perform, distribute or redistribute this electronic work, or any part of this electronic work, without prominently displaying the sentence set forth in paragraph 1.E.1 with active links or immediate access to the full terms of the Project Gutenberg™ License.

1.E.6. You may convert to and distribute this work in any binary, compressed, marked up, nonproprietary or proprietary form, including any word processing or hypertext form. However, if you provide access to or distribute copies of a Project Gutenberg™ work in a format other than “Plain Vanilla ASCII” or other format used in the official version posted on the official Project Gutenberg™ website ([www.gutenberg.org](http://www.gutenberg.org)), you must, at no additional cost, fee or expense to the user, provide a copy, a means of exporting a copy, or a means of obtaining a copy upon request, of the work in its original “Plain Vanilla ASCII” or other form. Any alternate format must include the full Project Gutenberg™ License as specified in paragraph 1.E.1.

1.E.7. Do not charge a fee for access to, viewing, displaying, performing, copying or distributing any Project Gutenberg™ works unless you comply with paragraph 1.E.8 or 1.E.9.

1.E.8. You may charge a reasonable fee for copies of or providing access to or distributing Project Gutenberg™ electronic works provided that:

- You pay a royalty fee of 20% of the gross profits you derive from the use of Project Gutenberg™ works calculated using the method you already use to calculate your applicable taxes. The fee is owed to the owner of the Project Gutenberg™ trademark, but he has agreed to donate royalties under this paragraph to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation. Royalty payments must be paid within 60 days following each date on which you prepare (or are legally required to prepare) your periodic tax returns. Royalty payments should be clearly marked as such and sent to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation at the address specified in Section 4, “Information about donations to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation.”
- You provide a full refund of any money paid by a user who notifies you in writing (or by e-mail) within 30 days of receipt that s/he does not agree to the terms of the full Project Gutenberg™ License. You must require such a user to return or destroy all copies of the works possessed in a physical medium and discontinue all use of and all access to other copies of Project Gutenberg™ works.
- You provide, in accordance with paragraph 1.F.3, a full refund of any money paid for a work or a replacement copy, if a defect in the electronic work is discovered and reported to you within 90 days of receipt of the work.
- You comply with all other terms of this agreement for free distribution of Project Gutenberg™ works.

1.E.9. If you wish to charge a fee or distribute a Project Gutenberg™ electronic work or group of works on different terms than are set forth in this agreement, you must obtain permission in writing from the Project Gutenberg Literary Archive Foundation, the manager of the Project Gutenberg™ trademark. Contact the Foundation as set forth in Section 3 below.

1.F.

1.F.1. Project Gutenberg volunteers and employees expend considerable effort to identify, do copyright research on, transcribe and proofread works not protected by U.S. copyright law in creating the Project Gutenberg™ collection. Despite these efforts, Project Gutenberg™ electronic works, and the medium on which they may be stored, may contain “Defects,” such as, but not limited to, incomplete, inaccurate or corrupt data, transcription errors, a copyright or other intellectual property infringement, a defective or damaged disk or other medium, a computer virus, or computer codes that damage or cannot be read by your equipment.

1.F.2. LIMITED WARRANTY, DISCLAIMER OF DAMAGES - Except for the "Right of Replacement or Refund" described in paragraph 1.F.3, the Project Gutenberg Literary Archive Foundation, the owner of the Project Gutenberg™ trademark, and any other party distributing a Project Gutenberg™ electronic work under this agreement, disclaim all liability to you for damages, costs and expenses, including legal fees. YOU AGREE THAT YOU HAVE NO REMEDIES FOR NEGLIGENCE, STRICT LIABILITY, BREACH OF WARRANTY OR BREACH OF CONTRACT EXCEPT THOSE PROVIDED IN PARAGRAPH 1.F.3. YOU AGREE THAT THE FOUNDATION, THE TRADEMARK OWNER, AND ANY DISTRIBUTOR UNDER THIS AGREEMENT WILL NOT BE LIABLE TO YOU FOR ACTUAL, DIRECT, INDIRECT, CONSEQUENTIAL, PUNITIVE OR INCIDENTAL DAMAGES EVEN IF YOU GIVE NOTICE OF THE POSSIBILITY OF SUCH DAMAGE.

1.F.3. LIMITED RIGHT OF REPLACEMENT OR REFUND - If you discover a defect in this electronic work within 90 days of receiving it, you can receive a refund of the money (if any) you paid for it by sending a written explanation to the person you received the work from. If you received the work on a physical medium, you must return the medium with your written explanation. The person or entity that provided you with the defective work may elect to provide a replacement copy in lieu of a refund. If you received the work electronically, the person or entity providing it to you may choose to give you a second opportunity to receive the work electronically in lieu of a refund. If the second copy is also defective, you may demand a refund in writing without further opportunities to fix the problem.

1.F.4. Except for the limited right of replacement or refund set forth in paragraph 1.F.3, this work is provided to you 'AS-IS', WITH NO OTHER WARRANTIES OF ANY KIND, EXPRESS OR IMPLIED, INCLUDING BUT NOT LIMITED TO WARRANTIES OF MERCHANTABILITY OR FITNESS FOR ANY PURPOSE.

1.F.5. Some states do not allow disclaimers of certain implied warranties or the exclusion or limitation of certain types of damages. If any disclaimer or limitation set forth in this agreement violates the law of the state applicable to this agreement, the agreement shall be interpreted to make the maximum disclaimer or limitation permitted by the applicable state law. The invalidity or unenforceability of any provision of this agreement shall not void the remaining provisions.

1.F.6. INDEMNITY - You agree to indemnify and hold the Foundation, the trademark owner, any agent or employee of the Foundation, anyone providing copies of Project Gutenberg™ electronic works in accordance with this agreement, and any volunteers associated with the production, promotion and distribution of Project Gutenberg™ electronic works, harmless from all liability, costs and expenses, including legal fees, that arise directly or indirectly from any of the following which you do or cause to occur: (a) distribution of this or any Project Gutenberg™ work, (b) alteration, modification, or additions or deletions to any Project Gutenberg™ work, and (c) any Defect you cause.

## **Section 2. Information about the Mission of Project Gutenberg™**

Project Gutenberg™ is synonymous with the free distribution of electronic works in formats readable by the widest variety of computers including obsolete, old, middle-aged and new computers. It exists because of the efforts of hundreds of volunteers and donations from people in all walks of life.

Volunteers and financial support to provide volunteers with the assistance they need are critical to reaching Project Gutenberg™'s goals and ensuring that the Project Gutenberg™ collection will remain freely available for generations to come. In 2001, the Project Gutenberg Literary Archive Foundation was created to provide a secure and permanent future for Project Gutenberg™ and future generations. To learn more about the Project Gutenberg Literary Archive Foundation and how your efforts and donations can help, see Sections 3 and 4 and the Foundation information page at [www.gutenberg.org](http://www.gutenberg.org).

## **Section 3. Information about the Project Gutenberg Literary Archive Foundation**

The Project Gutenberg Literary Archive Foundation is a non-profit 501(c)(3) educational corporation organized under the laws of the state of Mississippi and granted tax exempt status by the Internal Revenue Service. The Foundation's EIN or federal tax identification number is 64-6221541. Contributions to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation are tax deductible to the full extent permitted by U.S. federal laws and your state's laws.

The Foundation's business office is located at 809 North 1500 West, Salt Lake City, UT 84116, (801) 596-1887. Email contact links and up to date contact information can be found at the Foundation's website and official page at [www.gutenberg.org/contact](http://www.gutenberg.org/contact)

## **Section 4. Information about Donations to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation**

Project Gutenberg™ depends upon and cannot survive without widespread public support and donations to carry out its mission of increasing the number of public domain and licensed works

that can be freely distributed in machine-readable form accessible by the widest array of equipment including outdated equipment. Many small donations (\$1 to \$5,000) are particularly important to maintaining tax exempt status with the IRS.

The Foundation is committed to complying with the laws regulating charities and charitable donations in all 50 states of the United States. Compliance requirements are not uniform and it takes a considerable effort, much paperwork and many fees to meet and keep up with these requirements. We do not solicit donations in locations where we have not received written confirmation of compliance. To SEND DONATIONS or determine the status of compliance for any particular state visit [www.gutenberg.org/donate](http://www.gutenberg.org/donate).

While we cannot and do not solicit contributions from states where we have not met the solicitation requirements, we know of no prohibition against accepting unsolicited donations from donors in such states who approach us with offers to donate.

International donations are gratefully accepted, but we cannot make any statements concerning tax treatment of donations received from outside the United States. U.S. laws alone swamp our small staff.

Please check the Project Gutenberg web pages for current donation methods and addresses. Donations are accepted in a number of other ways including checks, online payments and credit card donations. To donate, please visit: [www.gutenberg.org/donate](http://www.gutenberg.org/donate)

## **Section 5. General Information About Project Gutenberg™ electronic works**

Professor Michael S. Hart was the originator of the Project Gutenberg™ concept of a library of electronic works that could be freely shared with anyone. For forty years, he produced and distributed Project Gutenberg™ eBooks with only a loose network of volunteer support.

Project Gutenberg™ eBooks are often created from several printed editions, all of which are confirmed as not protected by copyright in the U.S. unless a copyright notice is included. Thus, we do not necessarily keep eBooks in compliance with any particular paper edition.

Most people start at our website which has the main PG search facility: [www.gutenberg.org](http://www.gutenberg.org).

This website includes information about Project Gutenberg™, including how to make donations to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation, how to help produce our new eBooks, and how to subscribe to our email newsletter to hear about new eBooks.